

Aves de arribação no nordeste

FRANCISCO BARBOSA LEITE

São bastante alentadas as referências sobre a "arribação" na literatura nordestina. Tema de que se têm servido romancistas, poetas e naturalistas, além de ser muito comentado pela tradição oral, a pomba-de-bando, arribação avoante ou, em termos científicos, a *Zenaidura macroura* noronha (Gray), constitui fascínio e interesse, ligando-se a aspectos ecológicos que uma análise mais profunda, pela natureza mesma do fenômeno, ainda não esclareceu suficientemente.

Em várzeas, tabuleiros e, mais plenamente, na caatinga é onde essa ave migratória estabelece seu domínio, vinda de rumos presumidos mas nem sempre certos, no vôo assustado e perseguido por ávidos capturadores. Ainda nem bem pisam o chão, multidões incomparáveis, que negrejam o céu e pousam à beira d'água para matarem a secura do esforço e das distâncias, o seu insaciável perseguidor, com mecanismos disfarçados, fazendo o cálculo dos lucros e sem importar-se com o indiscriminado morticínio, espera. E mata, sem piedade.

No Nordeste brasileiro a côr prêta, em relação ao céu, é tabu. Basta a aproximação de um bando de "avoantes", em incrível quantidade e cobrindo parcialmente o horizonte de extensa mancha escura, para que o caboclo, crédulo e inculto, ali encontre um mau augúrio. As pombas são caçadas, estão, por duas razões: pela credence no fato de que elas secam as fontes e tornam-se com isso um prenúncio de calamidade e, paradoxalmente, porque são, em seu aviso, a forma de uma lei de compensação, sua captura servindo para aplacar a fome que assolaria mormente o sertão, sem a presença delas.

Pousam as pombas sobre a galharia, sem fôlhas, das árvores hirtas, formando novas e agitadas frondes. E o chão também se cobre de um manto inquieto, que ondula, avança e recua, sugando a água dos mananciais, o líquido definhando, as partes antes submersas sendo recobertas, aos poucos, pela presença de ávidas goelas.

As pombas, talvez pelo senso do trânsito contínuo em suas vidas, improvisam os ninhos com alguns garranchos e a pequenos intervalos entre touceiras de macambira e xique-xique, cujos espinhos ou os galhos lacerantes da jurema, protegem-lhes o fortuito aconchego. É o estabelecimento de um "pombal", em zonas mais ou menos demarcadas, cuja preferência deve ocorrer pelo regime dos ventos, os graus de calor e o tipo de solo propício à cultura de gramíneas de que se alimentam. Aí desenvolvem nova geração e sucumbem, igualmente, reduzindo-se sempre mais sua freqüência, pela perseguição dos caçadores. Na verdade, a ocupação dos "pombais" nem sempre é sucessiva, havendo períodos de longa retração.

Atualmente, os "pombais" são cada vez mais raros. Basta, entretanto, que se tenha notícia de um, para a afluência dos caçadores começar. Procurando as "cabeceiras", isto é, parte onde os ninhos são mais recentes. Dali descem ao encontro dos bandos, recolhendo ovos e em copiosa matança com tiros de espingardas de chumbo miúdo, que se espalha como chuva, à luz do dia; "fachiando", ou seja, carregando grosseiras lamparinas ou fochos, quando é noite e as aves, perturbadas pela claridade, são abatidas a pauladas.

Outros dispositivos engenhosos ainda são aproveitados na captura das pombas. A "arapuca" (vide ilustração) largamente disseminada pelo local e o "fojo" à beira dos pontos de "bebida".

Considerado excelente alimento, a carne de "avoante" é comercializada, instalando-se "barrações" que promovem a caça indiscriminada da ave sem poupar, inclusive, os filhotes; e ocupando, às vêzes, centenas de pessoas. Em instalações precárias homens, mulheres e crianças se ocupam de tarefas diversificadas, recebendo pagamento por cabeça "abatida" ou ave "tratada". A mercadoria é encaminhada para as feiras nordestinas, onde tem largo consumo.

É, na verdade, um espetáculo impressionante a massa de aves em migração. Ao sol quase pôsto, percorriamos uma estrada do sertão paraibano, quando fomos atraídos por inesperado e violento rumor de asas. As aves se desprendiam de galhos e troncos que o sol recortava como sinistros esqueletos para, logo que nos afastamos, voltarem ao mesmo lugar, como se as frondes ressequidas houvessem se renovado milagrosamente, sob os últimos reflexos da tarde que morria.



BARROSA LEITE